

# O Gente!

---

Peraí... só um minutinho da atenção de vocês...

Me pediram para falar umas palavrinhas aqui nessa homenagem de despedida que, por ironia são vocês que estão para se despedir de mim, mas quem fala sou eu, novamente e para não perder o costume né?

É rapidinho, pois dessa vez tenho que ir mesmo, e não sei a horas que volto ou quando volto.

Não é uma tarefa fácil fazer uma fala rápida num momento tão denso e intenso como esse.

Como muitos de vocês eu também estou triste, até porque tínhamos muitos planos juntos.

Pois é, mas as coisas às vezes nos atropelam e de atropelo eu entendo, pois, no bom sentido, atrolei muita gente para que a nossa agenda e os nossos compromissos em favor dos direitos humanos da criança e do adolescente fosse atendida e cumprida.

Como sempre e, para não perder o costume, já estou eu aqui falando coisas que vão deixar minha fala mais cumprida do que devia, mas tudo bem, não seria agora que seria diferente.

No fundo até acho que sempre foi uma estratégia minha para poder chamar a atenção para as idéias e posições que sempre defendemos juntos.

Mas voltando ao assunto da despedida, vamos dizer que essas palavras nunca seriam de despedida, ou não me chamo Neide Castanha, como vocês me conhecem bem, é um até breve.

Um até breve necessário porque, como não sei quando e como volto, eu preciso mesmo é combinar algumas coisas com vocês meus amigos – minhas amigas, aliás sempre a maioria.

Uma das questões que quero combinar é de não arredarmos o pé das nossas convicções e que sustentaram nossas lutas todo esse tempo. Às vezes parece que as respostas são muito lentas e por vezes nem as vemos, mas hoje eu tenho a convicção que elas sempre vêm. Basta ver a seriedade de como as questões do interesse da criança são tratadas hoje, principalmente pelos governos e pelas políticas públicas.

Ficássemos nós nos lamentando com as respostas que recebemos para ver se tínhamos chegado onde chegamos! Nunca! Estaríamos é nos lamentando mesmo!

Parece que essa conversa vai ficar comprida, mas vou poupar vocês de ouvirem a avaliação que tenho desses avanços, até porque muitos de vocês estão operando na prática essas respostas que eu falei.

Gente, já estou me prolongando na minha fala, mas vou tentar encurtar nossa conversa, até porque nossos meninos e meninas não precisam do nosso choro e de **blá blá blá**, mas sim da nossa ação – se bem que isso pode ser um outro combinado, não é?

Acho que vou conseguir ser breve na minha fala, até porque não vou fazer nenhum agradecimento e nem ter que citar nome de pessoas e de instituições – por via das dúvidas, como companheiros e companheiras, sintam-se todos citados e contemplados nessa minha fala. Combinado?

Mas gente, eu queria mesmo é deixar acertado aqui nesse momento derradeiro, é de sermos todos intransigentes na defesa dos direitos que nossas crianças têm de manifestar suas opiniões e de participar na indicação de como devem ser tomadas às providências para: primeiro – garantir o acesso aos seus direitos e, segundo – inverter as situações quando seus direitos forem violados.

Olha só nossas conquistas nesse campo! Muito mais que dizer que isso valeu minha vida, por certo valeu e vale muitas vidas.

Por fim, espero que de fato seja por fim mesmo, não vamos arredar nosso pé da convicção de que direitos sexuais de crianças são direitos humanos inegociáveis e de que cabe a cada um de nós garantirmos isso.

Vocês sabem que minha vida foi repleta de desafios na luta pelos direitos humanos da criança... Desde a Praça da Sé em São Paulo nos tempos “alirianos”, no Pará, em Brasília, no Brasil, nas Américas, na Ásia e onde tiveram a coragem de me convidar e muitas vezes de me ouvir.

Isso tudo me trouxe muita satisfação, estou feliz, pois fiz sempre o que quis e acreditava que era e é preciso ser feito. Recebi muitas homenagens e reconhecimentos pelo meu trabalho e muito mais que grata, sinto que vale e sempre valerá muito trabalhar em prol dos direitos humanos.

Minha vida foi sim feita de muitos desafios e de duas importantes e incomparáveis decisões: a de ser mãe e a de poder viver com meus dois filhos. Com eles vivi e viverei as melhores emoções, aquelas emoções gostosas e de que sempre se quer mais, insaciáveis, eu diria.

Aliás, um combinado final mesmo seria de vocês cuidarem bem dessas duas criaturinhas - que não são divinas - eles são é muito gente mesmo. Me ajudem nessa pois fisicamente, e só fisicamente, terei dificuldade de cumprir essa tarefa agora.

Um abraço e um beijo a todas e todos da velha Neide, não de guerra, mas da paz, sempre da paz e da vida, jamais da morte... toc... toc... toc na madeira!



† Neide Castanha - 26/1/2010  
As crianças e adolescentes do Brasil irão sentir a sua falta.



Secretaria Especial  
dos Direitos Humanos

